



## **Intervenção arqueológica no Castelo de Montemor-o-Novo** **Resultados preliminares**

*Manuela Pereira*

"Se queres prever o futuro, estuda o passado"

(Confúcio)

### **Apresentação**

Este estudo resulta das escavações arqueológicas levadas a cabo e patrocinadas pela Câmara Municipal no Castelo de Montemor-o-Novo nos verões de 2002 e 2003. Está contudo mais centrado nos resultados da escavação de 2003.

Não se pretende com este texto um estudo exaustivo desses resultados por serem ainda muito parcelares e pela curta distância temporal que separa o final dos trabalhos arqueológicos e a elaboração deste estudo. Tenta-se assim dar uma visão global dos resultados práticos mais evidentes, com a apresentação de alguns materiais que consideramos serem os mais representativos dos trabalhos arqueológicos realizados.

### **Introdução historico-arqueológica ao Castelo de Montemor-o-Novo**

Apesar de todos os autores que se têm vindo a debruçar sobre a história do castelo de Montemor-o-Novo e de todas as suas características físicas e geográficas

parecerem indicar que este poderia possuir uma origem muito antiga, o primeiro documento escrito que se lhe refere data de 1181, já no reinado de D. Sancho I. Foi este rei que concedeu à Vila o primeiro foral em 1203.

Situado numa encruzilhada de caminhos que percorriam o país de Norte para Sul e de Este para Oeste, a povoação de Montemor-o-Novo, situada nesta altura no cimo do Castelo, vai-se desenvolvendo, para o que devem ter contribuído também as regulares visitas e estadias régias em Montemor-o-Novo.

Desde muito cedo começa a notar-se uma tendência, contrariada aliás por vários monarcas, para a deslocação da população do interior da cerca para a planície a Norte das muralhas. Esta tendência acentua-se a partir do século XVI e, em 1758, aquando da redacção das memórias paroquiais, a população do arrabalde suplantava já a do interior da cerca, razão pela qual, também neste século os serviços públicos são transferidos para a nova vila. No século XIX a Câmara divide o Castelo em talhões, vendendo-os a agricultores. Em 1910 o Castelo é elevado a Monumento Nacional e neste século realizam-se várias obras de consolidação das muralhas que não impediram, no entanto, a sua degradação e ruína eminente. Nos anos 80 a Câmara Municipal readquire novamente os vários talhões, numa tentativa de devolver a vasta área do Castelo à fruição pública.

Com os seus quase nove hectares e sem construções posteriores a alterarem o seu subsolo, o Castelo de Montemor-o-Novo constitui uma reserva arqueológica ímpar para o conhecimento do *modus vivendi* medieval. Aqui se encontram soterradas ou em ruínas quatro igrejas de construção medieval<sup>1</sup>, sedes de outras tantas freguesias urbanas também medievais. Também aqui se encontram os vestígios dos vários edifícios civis que na Idade Média governavam a vila e o concelho. Mas mais importante ainda que os edifícios civis ou os edifícios religiosos, existe toda uma vila medieval soterrada ainda desconhecida para os investigadores e que urge, pela importância científica que poderá assumir, ser colocada a descoberto.

A Câmara Municipal tem, ao longo dos anos, num esforço louvável, apoiado logística e financeiramente as escavações arqueológicas que se têm realizado no Castelo. Neste sentido, entre 1983 e 1987, Tatiana Resende realizou sondagens arqueológicas em várias zonas do Castelo de que resultou um pequeno artigo publicado nesta revista em 1985 (Almanson, N.º 3).

Entre 1991 e 1993, Ana Gonçalves coordenou um estudo arqueológico no adro e interior da Igreja de S. Tiago e no terreiro do Convento de Nossa Senhora da Saudação. Por se ter concentrado em áreas específicas, os resultados foram bastante satisfatórios, tendo colocado a descoberto alguns troços de ruas e da

malha urbana medieval bem como duas necrópoles associadas à Igreja de S. Tiago. Os resultados destes trabalhos foram igualmente publicados nesta revista, no seu número 11.

Com todo o mérito que este tipo de iniciativas assume, estes trabalhos apenas nos proporcionaram conhecimentos parcelares da vila antiga e do modo como as populações de Montemor viviam há alguns séculos atrás.

Em 1997, com a aprovação por parte da Câmara Municipal do Programa de Recuperação e Revitalização do Castelo de Montemor-o-Novo, associado ao Plano de Salvaguarda do Centro Histórico, começaram-se a criar as condições para um estudo de certo modo mais continuado que possa aliar quer a vertente arqueológica, quer a vertente histórica para uma reconstituição o mais fiel e completa possível da história de Montemor ao longo dos séculos.

Assim, em 2002, realizou-se uma pequena intervenção arqueológica na zona de Santa Maria da Vila, associada a uma metodologia criada para a totalidade do Castelo e que explicaremos adiante.

Em 2003 as escavações estiveram já integradas num projecto do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia, contando-se neste ano com três consultores científicos<sup>ii</sup> que em muito contribuíram para o sucesso da intervenção e a quem agradecemos desde já.

### **Metodologia da Intervenção**

Sendo o castelo uma área de grandes dimensões onde dificilmente se aplicaria a metodologia normalmente utilizada em arqueologia, e tendo em conta que as anteriores escavações arqueológicas no local utilizaram métodos que se aplicavam exclusivamente às áreas intervencionadas, tornou-se necessário, no início de 2002, criar uma metodologia própria, passível de ser aplicada à totalidade da área muralhada e que se pudesse "exportar", quando necessário, para as encostas do Castelo. Baseámo-nos assim no "Teotihuacán Mapping Project", elaborado especificamente para o estudo arqueológico da cidade pré-colombiana de Teotihuacán (México).

O Castelo de Montemor-o-Novo foi assim dividido e orientado planimetricamente segundo dois eixos perpendiculares (um Norte/Sul e outro Este/Oeste). A partir de um ponto aproximadamente central do Castelo, traçámos uma linha seguindo o eixo Norte/Sul, e outra seguindo o eixo Este/Oeste, que se cruzam nesse ponto central.

Temos assim quatro grandes secções ou sectores (A, B, C e D), coincidindo os seus limites com os eixos Norte/Sul e Este/Oeste do Castelo.

Pensamos que cada um destes sectores deve corresponder, grosso modo, a uma das quatro freguesias antigas do Castelo (Santa Maria da Vila, Santa Maria do Bispo, S. Tiago e S. João Baptista). Cada um destes sectores encontra-se dividido por uma malha quadriculada de 25 por 25m para permitir uma relação fácil e directa com a Carta Militar de Portugal.

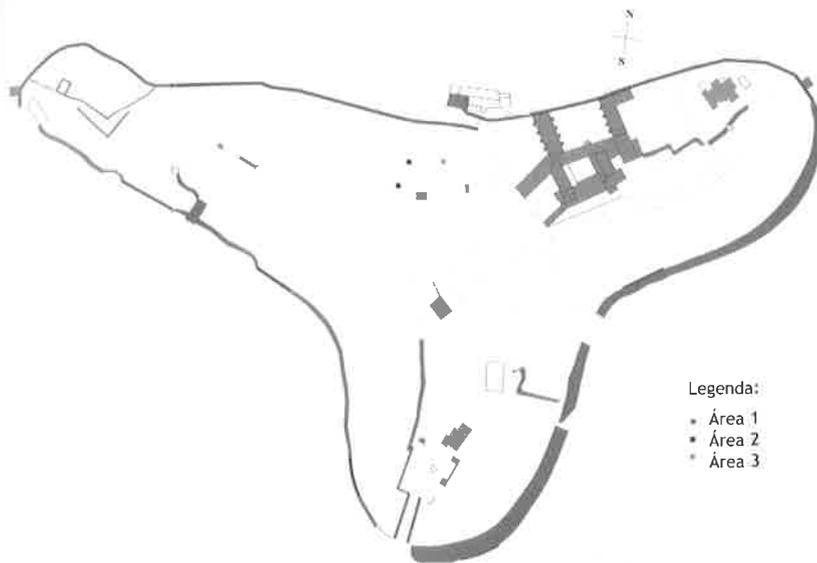
Assim, a partir de um ponto zero central, cada quadrícula de 25 X 25 m é identificada por coordenadas cardeais, por exemplo: N1/W5 (Norte 1/Oeste 5) ou S4/E3 (Sul 4/Este 3).

As quadrículas de 25m foram depois subdivididas em pequenas quadrículas de 2,5 por 2,5m, a partir das quais se procedeu à marcação das sondagens consoante as dimensões necessárias.

### Antecedentes

Embora este trabalho esteja mais centrado nos resultados da campanha de 2003, não queremos deixar de salientar a campanha desenvolvida em 2002, coordenada por Susana Carvalho e pela signatária. Foi de facto com a campanha de 2002 que se abriram espaços e métodos de trabalho que culminaram com a apresentação, em Junho de 2003, do projecto "Intervenção Arqueológica em Santa Maria da Vila no Castelo de Montemor-o-Novo", inserido no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia. Trata-se de um projecto a curto/médio prazo que pretende não só colocar a descoberto parte das estruturas habitacionais e viárias da zona de Santa Maria da Vila, como também a identificação de uma das mais importantes, senão mesmo a mais importante igreja de Montemor medieval - a Igreja de Santa Maria da Vila - e dos espaços adjacentes, nomeadamente a Praça Central do Castelo e os edifícios que a rodeavam. Pretende-se, de uma forma mais ampla, aliar os resultados dos trabalhos arqueológicos à história local, contando-se assim com o imprescindível apoio e saber do Dr. Jorge Fonseca, director da Biblioteca Municipal Almeida Faria de Montemor-o-Novo.

Os trabalhos arqueológicos tiveram início em 21 de Julho e terminaram a 29 de Agosto de 2003. Era nosso objectivo abrir o máximo de sondagens possíveis em locais não muito próximos de modo a verificar o potencial arqueológico das várias áreas para, numa fase posterior, apostar em áreas mais específicas. Assim, continuaram-se duas das sondagens iniciadas em 2002 e iniciou-se a escavação de três novas sondagens tendo, ao todo, sido abertos cerca de 80 m<sup>2</sup>.



Embora todas as sondagens tenham sido abertas em quadrículas distintas e com alguma distância umas das outras podemos já falar de três áreas dentro da zona intervencionada: Área 1 - corresponde à sondagem da quadrícula N3/W1 e abrange uma área de silos; Área 2 - corresponde às sondagens das quadrículas N4/W2 e N4/E1 abrangendo uma área com estruturas possivelmente habitacionais, mas de que só restam os negativos dessas mesmas estruturas; Área 3 - corresponde às sondagens das quadrículas N3/E2, N1/E2 e N1/E1 e abrange áreas habitacionais com estruturas de boa qualidade, mas possivelmente pertencentes a diferentes épocas de construção e habitação.

## Descrição dos Resultados

### Área 1

A escavação desta zona teve início na campanha de 2002 com a abertura de uma sondagem de 5X5 m2 e que coincidiu com a identificação de uma estrutura circular

em alvenaria de pedra com cerca de 1.80m de diâmetro externo e um metro de diâmetro interno. A sua funcionalidade permaneceu indefinida quase até ao final da campanha de 2003, altura em que se encontrou um pavimento, a quatro metros de profundidade. A hipótese de se tratar de um poço foi assim colocada de parte e passou-se a designar esta estrutura como silo/cisterna, embora a hipótese mais provável é tratar-se de uma cisterna. A Oeste deste silo/cisterna foi identificado, também em 2002, a boca de um silo (Silo I) escavado na rocha. Só em 2003, no entanto, foi efectuada a sua escavação integral. Ao prolongar esta sondagem para Oeste, e tal como esperávamos, foi identificado um novo silo (Silo II). Para Leste do silo/cisterna, e no mesmo alinhamento deste e dos dois silos, aparece, numa zona a intervir nas próximas campanhas, uma ligeira depressão no solo, de forma circular que, tudo indica, deverá tratar-se de um terceiro silo escavado na rocha.

A identificação de uma zona de silos neste local do Castelo não nos surpreende. Aqui, no ponto mais alto do Castelo, os ventos são bastante fortes, o que provoca naturalmente uma diminuição da humidade, condição essencial para a preservação dos alimentos. O facto de a rocha ser, neste local, bastante branda deve ter também condicionado a localização desta área de silos. Estas estruturas de armazenamento de alimentos constituíram, desde há muitos séculos, um meio eficaz e pouco dispendioso para a conservação de cereais e outros alimentos mesmo que durante longos períodos de tempo.

Segundo Helena Catarino, que cita Cruz Pérez, a construção e utilização destes silos pode estar directamente relacionada com épocas de guerra. Embora eles continuem a existir muito para além da Idade Média, foram sobretudo muito utilizados durante a época da reconquista cristã.

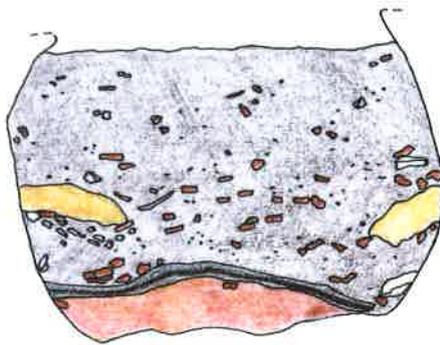
A utilização destes silos estava, durante a Idade Média, largamente difundida, sobretudo nas zonas cerealíferas do Sul do País. De facto, os silos eram essencialmente utilizados para o acondicionamento de cereais, embora por vezes se utilizasse igualmente para outro tipo de alimentos.

O tipo de construção do silo/cisterna parece apontar para uma pequena reserva de água. O grau de impermeabilização desta estrutura deveria ser bastante eficaz, o que já não acontecia, pelo menos no Silo II. No Silo I, ao longo da escavação e sempre junto às paredes, foram identificados pequenos blocos de argila que poderão estar relacionados com aquilo que Ibn Luyun, autor árabe medieval, recomendava para a conservação dos cereais: "os grãos devem-se guardar da humidade e do Sol (...). também é necessário colocar palha nos lados e fundo dos silos, com o que se evita o perigo da humidade, e é muito melhor, em vez de palha colocar esteiras de junco" (Catarino, 1997/98).

passemos agora à descrição pormenorizada de cada silo:

### Silo I

O Silo I é uma depressão escavada na rocha de forma semi-oval com 1.40m de abertura de boca, profundidade de 1.50m e uma abertura máxima de 2m. O seu fundo é plano, embora ao centro se tenha identificado uma ligeira depressão.



#### LEGENDA:

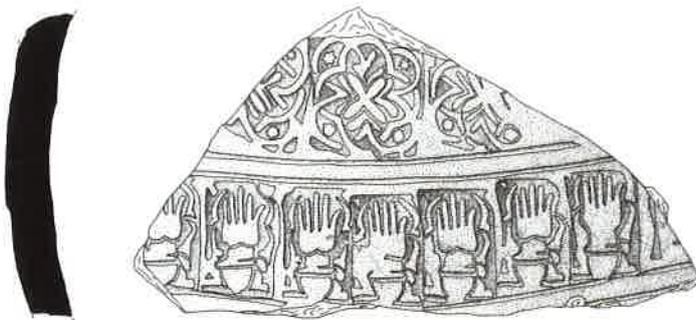
-  - CARVÕES
-  - CERÂMICA
-  - PEDRA
-  - SOLÃO
-  - U.E. 4
-  - U.E. 6
-  - U.E. 7



Silo I - Corte Estratigráfico Este

Quanto à cultura material daqui exumada, apesar de não ter sido ainda efectuada o seu estudo pormenorizado, foram identificados alguns materiais que apontam para uma data de abandono deste silo entre o final do período islâmico e o início da ocupação cristã. A totalidade do espólio cerâmico daqui retirado é em cerâmica comum, à excepção de um pequeno fragmento de cerâmica vidrada. Neste silo foi encontrado pela primeira vez no Castelo de Montemor-o-Novo um fragmento de cerâmica de época islâmica. Trata-se de um fragmento de bojo de talha com decoração estampilhada. Este tipo de decoração consiste essencialmente na

Fragmento de bojo de talha com decoração estampilhada



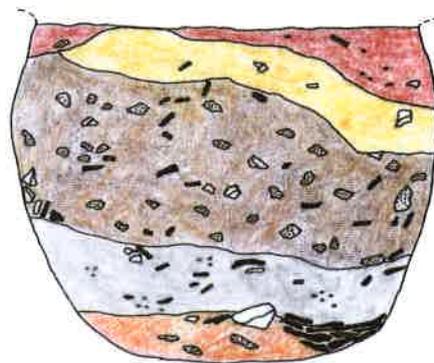
aplicação de um molde ou matriz com decoração sobre o barro fresco e acabado de moldar, ficando assim impressa na peça a decoração que constava da matriz. A peça identificada apresenta dois motivos decorativos diferentes. O primeiro consiste em seis matrizes iguais, dispostas horizontalmente tendo como tema principal a "mão de Fátima" <sup>iii</sup>, enquadrada por motivos vegetalistas que preenchem o restante espaço da matriz. A representação da "mão de Fátima", símbolo religioso islâmico, aparece muitas vezes neste tipo de recipientes, numa tentativa de afastar os espíritos maléficos que poderiam supostamente lançar mau olhado sobre os alimentos (Khawli, 1993); o segundo motivo de que só possuímos uma matriz, é composto por motivos vegetalistas, enquadrados em cima por duas estrelas de seis pontas e em baixo por duas estrelas de oito pontas.

Para além desta peça foram igualmente retirados do silo alguns materiais em cerâmica comum que poderão igualmente remontar ao período islâmico. O espólio numismático recolhido, por se encontrar em bastante mau estado de conservação, não nos permitiu igualmente apontar uma data mais exacta para o abandono do silo.

### Silo II

O Silo II, por se revelar bastante escasso em cultura material foi apenas escavado na sua metade Este. Ao contrário do Silo I, o Silo II não revelou qualquer material arqueológico que pudesse apontar uma data, ainda que relativa, para o seu abandono. Os materiais arqueológicos parecem apontar, no entanto, para uma data de abandono mais tardia que aquela que é apontada para o Silo I.

Silo II - Corte Estratigráfico Oeste



#### LÉGENDA:

- ARGAMASSA
- CERÂMICA/TELHA
- PEDRA
- U.E. 10
- U.E. 11
- U.E. 12
- U.E. 13
- U.E. 14



## Silo/Cisterna

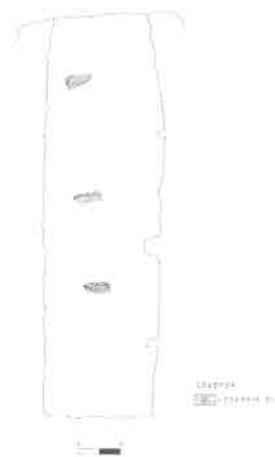
O Silo/Cisterna é uma estrutura para a qual não conhecemos ainda quaisquer paralelos. É uma estrutura circular com um metro de diâmetro interno e possui as características de um poço. As paredes são em alvenaria de pedra de excelente qualidade construtiva, e no final da estrutura existe um pavimento em argamassa bem consolidada com fragmentos cerâmicos. Possui seis degraus, três na parede Sul e outros três na parede Oeste, alternados. A existência destes degraus não deveria dispensar outro tipo de auxílio no acesso ao interior da estrutura. Com quatro metros de profundidade e com apenas seis degraus era praticamente impossível a descida ao silo, até porque está colocada de parte a hipótese de existirem outros degraus intermédios uma vez que as paredes são bastante regulares e não aparecem sinais da existência de outros degraus.

Em princípio a funcionalidade desta estrutura deve estar relacionada com o armazenamento de água, embora não seja de colocar a hipótese de poder ter servido para armazenamento de cereais ou outros géneros alimentícios.

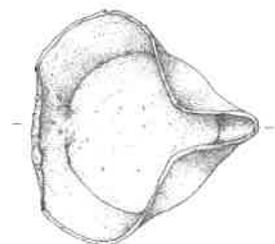
A escavação deste silo/cisterna revelou-nos uma cultura material absolutamente extraordinária em quantidade, qualidade e diversidade. Não nos é ainda possível, nem seria adequado, descrever aqui o material arqueológico daqui retirado. Existem, no entanto, peças que pela sua qualidade e raridade não deverão ser ignoradas.

É o caso de uma torre de roca, em osso, profusamente decorada com vestígios de pintura. Este tipo de objectos aparece quase exclusivamente em jazidas arqueológicas datadas dos períodos almorávida e almóada. Trata-se de objectos ligados à tecelagem que, sendo ocos, se inseriam na roca e que assumiam uma função meramente decorativa. Podem também chamar-se cabos ou mangas de roca.

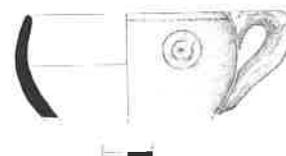
A torre de roca que aqui divulgamos possui secção cilíndrica no corpo e ovalóide no topo. Na sua base apresenta sete traços incisos lisos e ondulados alternadamente. Segue-se uma área lisa com círculos concêntricos na horizontal, acompanhando a superfície cilíndrica da peça. Nesta linha encontram-se, por três vezes, dois círculos concêntricos, um na parte inferior e outro na parte superior. Acima desta área voltam a aparecer sete traços, repetindo a decoração da base da peça. De seguida surge mais uma pequena área sem decoração, seguindo-se três sulcos profundos com pintura vermelha no seu interior. O topo é de forma ovalóide e liso. Ao que parece a decoração anterior voltaria a repetir-se, embora se encontre muito incompleta.



Silo/Cisterna - Corte Estratigráfico Sul



Candil



Tacinha com marca de oleiro



Torre de roca islâmica

A escavação do interior desta estrutura revelou ainda outros materiais em cerâmica que poderão ser de origem islâmica.

Todavia, a existência de alguns fragmentos de faiança, ainda que escassos, obrigam-nos a datar o abandono e respectivo entulho desta estrutura entre os séculos XVI e XVII.

## Área 2

Esta área inclui duas sondagens. Apesar da relativamente grande distância que as separa possuem em comum o facto de apenas se encontrarem os negativos das estruturas que, em tempos, ali existiam. Aquando da transferência das casas para o arrabalde, os moradores do interior da cerca transportaram os materiais de construção das casas antigas e em ruína do interior do Castelo para as novas casas no arrabalde. Não sabemos, no entanto, até que ponto, essa transferência de materiais tinha ido apenas até ao nível das fundações, ou tinha, como verificámos nestas duas sondagens, chegado ao nível da rocha, restando apenas os negativos dessas estruturas. Verificámos assim que, pelo menos, nesta zona do Castelo as habitações foram totalmente arrasadas, não restando mais que os negativos e, ainda assim, em muito mau estado de conservação.

## Quadrícula N4/W2

Em termos de resultados arqueológicos, esta foi a sondagem mais pobre de toda a escavação, até porque a sua potência estratigráfica era bastante baixa.

Todos os materiais arqueológicos apareceram bastante fragmentados e, ao que tudo indica, são provenientes de revolvimentos, não sendo por isso possível apontar qualquer cronologia ainda que diacronicamente longa.



Fragmento de tambor

Não queremos, no entanto, deixar de referir um fragmento cerâmico aqui identificado, na campanha de 2002. Trata-se de um fragmento de bordo e parede de tambor de época islâmica. Estas são peças que "apresentam bordos de lábio plano com espessamento e inflexão interna (...). as paredes do corpo são tubulares, de perfil praticamente bitroncocónico em direcção à base, mais estreita que a parte superior. (...) Este tipo de tamborezinhos de cerâmica (...) têm uma tradição muito antiga, principalmente no Norte de África, designadamente no Magreb" (Catarino, 1997/98). No Palácio Almóada de Silves, foi encontrado um tambor completo, com exactamente as mesmas dimensões do tambor identificado nesta sondagem <sup>iv</sup>.

Quanto às estruturas, apenas foi identificado um negativo de um muro de funcionalidade desconhecida, mas que muito provavelmente seria de habitação.

Este negativo corre no sentido Sudoeste/Nordeste da sondagem e assenta directamente sobre a rocha. Apenas são visíveis dois negativos de pedras. O negativo é constituído por argamassa pouco compactada com algumas incrustações de fragmentos de telha. Possui um comprimento máximo de 1.20m por 0.40m de largura. Encontra-se em muito mau estado de conservação, pelo que, logo que foi terminada a escavação desta sondagem, procedeu-se à sua cobertura.

#### Quadrícula N4/E1

Esta sondagem localiza-se junto à muralha Norte do Castelo, numa zona normalmente associada, pelos historiadores, à antiga Judiaria. Segundo Banha de Andrade e Jorge Fonseca a Judiaria de Montemor-o-Novo partia da Porta da Vila e corria ao longo da muralha para Poente, ocupando, segundo estes autores, uma das ruas principais do burgo muralhado. Nesta sondagem foi identificado um pequeno fragmento de faiança alemã, renascentista, da chamada série "Homem Barbudo" datada do século XVI. Ao que consta só existem, em Portugal, mais três peças deste tipo de faiança e, duas delas - Évora e Castelo de Vide - foram encontradas em contexto de Judiaria. Sabemos que não é uma peça deste tipo, aqui encontrada, que poderá provar a localização da Judiaria de Montemor nesta área do Castelo, embora não deixe de constituir uma pequena prova.



Fragmento de faiança alemã

Volta-se-nos a colocar o problema dos remeximentos, uma vez que, associada a esta peça, atribuída ao século XVI e ao período renascentista, encontrámos faianças portuguesas claramente atribuídas aos séculos XVII e XVIII, para além de outros materiais possivelmente posteriores.

Para além deste fragmento de faiança alemã não foram encontrados outros materiais arqueológicos dignos de referência, sendo esta sondagem, ao nível do espólio, bastante pobre.

Foram aqui identificadas duas estruturas.

A Estrutura I constitui apenas um negativo de uma estrutura em argamassa e tijolo. Os negativos desses tijolos encontram-se bem visíveis numa das partes da estrutura.

Tal como na estrutura da sondagem anterior, também esta corre no sentido Sudoeste/Nordeste o que poderá indiciar alguma organização do espaço urbano. Esta deveria ser uma estrutura bastante frágil, dadas as suas dimensões (cerca de 0.20m de espessura). Depois de a relacionarmos com a Estrutura II, que descreveremos de seguida, deveria constituir apenas uma divisão interna da habitação.



A Estrutura II é uma estrutura negativa, escavada na rocha. Trata-se de uma pequena depressão que continha no seu interior um pote praticamente inteiro. Esta seria, concerteza, uma estrutura elaborada com o objectivo de esconder algo valioso no seu interior. Ora, não fazia assim sentido esconder algo valioso no exterior de uma habitação, e é baseado nesta Estrutura que acreditamos que a Estrutura I é interna.

A escavação do interior do pote apenas revelou dois pequenos fragmentos de escória. Debaixo do pote, e ainda dentro da depressão escavada na rocha, foram identificados cinco fragmentos, com colagem de uma taça em cerâmica comum.

Apesar dos materiais não serem muito elucidativos quanto à cronologia, as estruturas aqui identificadas parecem apontar uma data tardia que poderá coincidir com a fase de abandono da vila muralhada, logo a seguir ao terramoto de 1755.

### Área 3

A área C é igualmente composta por duas sondagens enquadradas nas quadrículas N3/E2 e N1/E2. Embora a escavação destas sondagens se encontre ainda numa fase muito embrionária, pensamos que as estruturas aqui identificadas não coincidem temporalmente.

Verifica-se nestas sondagens uma melhor qualidade de construção das estruturas identificadas que, conseqüentemente, se encontram em muito melhor estado de conservação.

## Quadricula N3/E2

Nesta sondagem, a que maior potência estratigráfica revelou até ao momento, verificou-se uma grande abundância de material arqueológico de grande qualidade e alguma diversidade.

O material cerâmico aqui identificado parece apontar para uma zona de habitação com algum poder económico. Embora em contexto de revolvimento e proveniente dos níveis superiores da sondagem, foi daqui recolhido um bom conjunto de faianças e cerâmica modelada. Este último tipo de cerâmica, muito idêntico à Terra Sigillata romana, aparece em contextos dos séculos XVI e XVII (Folgado, 2000).

Já as faianças aqui identificadas parecem apontar para uma época um pouco posterior (séculos XVII/XVIII).

Associado a este conjunto cerâmico apareceu um objecto em chumbo, possivelmente um selo. Numa das faces é visível o escudo de Portugal e na outra a esfera armilar. Na faixa que percorre a esfera armilar, no sentido diagonal, está inscrita a data de 1538, sendo assim este possível selo datado do reinado de D. João III. Este rei utiliza a esfera armilar apenas no início do seu reinado. No entanto, a inscrição aponta já para uma data de meados do reinado. Um objecto deste tipo estaria certamente ligado à governação da vila. Não seria certamente uma pessoa sem quaisquer responsabilidades na governação que possuiria um selo com os símbolos do país.

Para além das cerâmicas e deste suposto selo há ainda que destacar, de entre o espólio daqui exumado, uma bainha de punhal, em cobre, decorada e em excelente estado de conservação.

Foram identificadas nesta sondagem duas estruturas.

A primeira (Estrutura I) percorre a sondagem no sentido Noroeste/Sudeste. É constituída por pedras de grande e média dimensão bem compactadas por argamassa de boa qualidade. Possui, visíveis, dois metros de comprimento, por 0.40m de espessura média. Na extremidade Sudeste encontra-se uma pedra de soleira com o negativo onde assentaria o gonzo da porta. É claramente uma estrutura associada a uma casa de habitação. Os materiais associados a esta estrutura, ainda que escassos, parecem apontar para uma época anterior ao século XVI. As faianças e a cerâmica modelada que eram relativamente abundantes nos níveis superiores, desapareceram por completo ao nível da estrutura, o que pressupõe, estarmos já a entrar num nível arqueologicamente seguro, ou seja sem remeximentos de outras unidades estratigráficas anteriores.



Possível selo - D. João III (?)



Bainha de punhal

A estrutura II aparece somente no canto Sudeste da sondagem, sendo apenas visíveis 0.20m de comprimento por 0.50m de profundidade. Em termos de qualidade e características construtivas ela parece ser muito semelhante à Estrutura I, embora a cota de superfície destas duas estruturas tenha uma diferença de quase um metro, sendo que a Estrutura II aparece a uma cota superior. A hipótese mais provável é que a Estrutura II seja mais recente que a Estrutura I e que a primeira venha cortar a segunda. Só em próximas campanhas de escavação é que será possível esclarecer a forma como estas duas estruturas se interligam entre si.

Quadrícula N3/E2 - Estrutura I



#### Quadrícula N1/E2

A sondagem aberta nesta quadrícula localiza-se junto ao caminho pedonal que liga a Porta da Vila e a Torre do Relógio ao Paço dos Alcaides. Neste caminho são visíveis, em corte, várias estruturas destruídas aquando da abertura, no século passado, desta rua. Sabíamos assim, à partida, que a abertura de uma sondagem neste local resultaria no achamento de estruturas arqueológicas medianamente conservadas. Ao que tudo indica é também nesta zona que se deve localizar a Igreja de Santa Maria da Vila. Sendo a localização desta igreja um dos objectivos do projecto em curso, tornava-se imperativo a abertura de sondagens neste local.

A abertura desta sondagem revelou um interessante e diversificado espólio do século XVII.

A cerâmica modelada e as faianças apareceram aqui em grande quantidade. Dentro deste último grupo há que destacar três fragmentos com colagem de fundo de prato ou taça com o símbolo da Ordem Dominicana. O Convento da Saudação,



Fragmento de fundo de faiança com o símbolo da Ordem Dominicana

pertencente à Ordem dominicana feminina, encontra-se a menos de 50m do local desta sondagem, sendo assim quase certo que este objecto fosse pertença do convento, trazido provavelmente por alguém, pertencente ao chamado pessoal de fora, que ali trabalhava.

Para além das faianças e da cerâmica modelada, a cerâmica comum apareceu com alguma abundância, bem como a cerâmica vidrada.

Desta sondagem são provenientes algumas dezenas de fragmentos de cachimbo, em cerâmica. Não foi encontrado qualquer fragmento deste objecto nas outras sondagens intervencionadas, o que pressupõe que o habitante da casa identificada nesta sondagem fosse consumidor de tabaco. A partir do século XVI, assiste-se, na Europa, ao início do hábito de fumar. Esta nova tendência começa a aparecer materializada nos registos arqueológicos, a partir sobretudo do século XVII, através dos cachimbos em cerâmica que vieram substituir o tabaco de enrolar, proveniente da América do Sul e que predominou durante todo o século XVI (Calado, 2003).

Nos fragmentos de cachimbo identificados nesta sondagem predominam as hastes, sendo as fornalhas mais raras, o que se explica pelas altas temperaturas a que estavam constantemente submetidas e que provocava um envelhecimento e quebra mais precoce do que as hastes.



Fragmentos de haste e fornalha de cachimbo

De entre os materiais aqui recolhidos, e no conjunto dos metais, merecem ainda destaque um conjunto de fivelas, algumas delas com as mesmas dimensões e decoração e um anel, profusamente decorado, e em excelente estado de conservação, cujo principal tema decorativo (flor) é igual a algumas fivelas.

Quanto às estruturas aqui identificadas, e em comparação com a sondagem que tratámos anteriormente, elas aparecem a uma cota quase de superfície o que, aliado aos materiais a elas associados, nos faz pensar que estamos perante estruturas habitacionais do século XVII, portanto pertencentes a uma fase já de



Quadrícula N1/E2 - Estruturas I e II

alguma decadência da vila muralhada. Os materiais aqui encontrados parecem apontar, no entanto, para uma casa cuja família teria algum poderio económico.

A Estrutura I percorre a sondagem no sentido Sudeste/Noroeste, possuindo actualmente um comprimento de 3.50m por cerca de 0.50m de espessura. É constituída por pedras de grandes e médias dimensões, ligadas por argamassa medianamente compactada. Na extremidade Noroeste da estrutura encontra-se aquilo que parece ser o local de uma janela. Esta janela teria cerca de 0.50m de abertura, sendo que na extremidade Norte ela seria larga, o que parece indicar que o interior da casa se desenvolveria também para Norte.

Praticamente junto à janela, e para Norte da Estrutura I, encontra-se um pequeno murete de tijoleira que cola à Estrutura I. Este murete, apesar de colado à Estrutura I, faz já parte da Estrutura II.

A Estrutura II é constituída por dois pequenos muretes, em tijolo burro interligados por argamassa. Estes muretes encontram-se unidos por uma fileira de dois tijolos formando uma porta.

Uma vez que pensamos que o interior da casa se desenvolveria para Norte da Estrutura I, a Estrutura II deve constituir uma porta pertencente a uma divisão interna da habitação.

Torna-se assim necessário alargar esta sondagem de modo a percebermos a orientação da habitação e as suas divisões internas.

#### Conclusões:

Apesar de possuímos apenas resultados muito parcelares em relação a cada uma das áreas e sondagens é já possível tentar tirar algumas conclusões acerca do modelo de ocupação de espaços nas várias áreas intervencionadas.

A área 1 vimos já que é uma zona exclusivamente de silos. Aqui a rocha aparece praticamente à cota de superfície. É uma rocha muito branda, ideal para a escavação de estruturas subterrâneas. Aliado ao facto de se situar no ponto mais alto do Castelo, com pouca humidade, este deve ter sido, para as populações medievais, o local ideal para a construção de estruturas de armazenamento.

Apesar de não se conhecerem quaisquer registos históricos que falem de uma área exclusivamente de silos no interior do Castelo, pensamos que estas estruturas não estavam ligadas a uma habitação particular. Para além de não existir, nas

imediações, qualquer estrutura visível, um conjunto de três silos, um deles de grande capacidade de armazenamento (e possivelmente outros nas imediações), deveria fazer parte de uma estrutura comunal para armazenamento de víveres. No entanto, um factor que aqui temos que ter em conta é a erosão natural que aqui se faz sentir e que poderia ter arrasado por completo qualquer estrutura existente.

Em próximas campanhas de escavação continuaremos a intervencionar o local, quer em busca de novos silos quer em busca de estruturas que nos possam ajudar na compreensão da funcionalidade deste espaço.

A área 2 constitui uma zona sem grande relevância arqueológica. Das estruturas arqueológicas aqui existentes, restam apenas os negativos. Os materiais arqueológicos daqui provenientes, além de escassos, são provenientes de contextos de revolvimento, não sendo assim possível apontar uma data concreta para a ocupação deste local.

A área 3 é talvez aquela que mais resultados arqueológicos revelou. Para além do abundante espólio daqui retirado foram identificadas estruturas arqueológicas em bom estado de conservação que nos poderão revelar mais informações acerca da estrutura urbana da vila antiga de Montemor-o-Novo.

As escavações arqueológicas de 2002 e 2003, vieram confirmar uma hipótese que há muito se discutia, mas para a qual não havia ainda qualquer prova concreta: o Castelo de Montemor-o-Novo conheceu de facto ocupação islâmica. Embora todos os materiais islâmicos sejam provenientes de contextos de revolvimento, eles constituem uma prova cabal da existência de um povoamento anterior à reconquista Cristã.

Importa agora dar continuidade à investigação arqueológica nesta zona do Castelo, de modo a permitir um conhecimento mais vasto da estrutura urbana e do *modus vivendi* das populações que aqui habitaram.

#### Notas:

- i. Segundo Jorge Fonseca existiria uma quinta igreja (S. Julião) de localização desconhecida.
- ii. Dr. António Carlos Silva (IPPAR), Dr. Fernando Branco (Universidade de Évora) e Dr. Jorge Fonseca (Câmara Municipal de Montemor-o-Novo)
- iii. Filha de Maomé;
- iv. O Tambor de Silves é atribuído ao século VIII, o que para o caso do tambor de Montemor consideramos uma hipótese bastante improvável;

**Bibliografia:**

- Andrade, A. A. Banha de** (1977) - *Judeus em Montemor-o-Novo*, Edição do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo e da Academia Portuguesa de História;
- Andrade, A. A. Banha de** - (1977) - *Breve História das Ruínas do Antigo Burgo e Concelho de Montemor-o-Novo*, Edição do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo;
- Calado, Marco et al.** (2003) - "Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de S. Jorge em Lisboa", in *Património. Estudos*, N.º 5;
- Cardoso, Guilherme e Rodrigues, Severino** (1999) - "Tipologia e cronologia de Cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX, encontradas em Cascais", in *Arqueologia Medieval*, N.º 6;
- Carvalho, Isaura** (1987) - "Cerâmica Medieval do Castelo de Montemor-o-Novo", in *Almanson*, n.º 5, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo;
- Carvalho, Susana** (2002) - "Sondagens arqueológicas em Santa Maria da Vila - Castelo de Montemor-o-Novo", Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Exemplar policopiado;
- Catarino, Helena** (1997/98) - "O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados" in *Al'-ulyā*, N.º 6, Vols. 1, 2 e 3;
- Coelho, António Borges, org. de** (1972) - "Portugal na Espanha Árabe", Seara Nova, Volume II;
- Folgado, Deolinda e Ramalho, Maria** (2000) - "A cerâmica comum fina dos finais do século XVI-XVII. Inovação ou tradição?", in *Casa do Brasil/Casa Pedro Álvares Cabral*, Câmara Municipal de Santarém;
- Fonseca, Jorge** (1991) - "O interior doméstico em Montemor-o-Novo no século XVII", in *Almanson*, N.º 9;
- Fonseca, Jorge** (1993) - "A Vila intramuros de Montemor-o-Novo. Contributo para o seu estudo", in *Almanson*, nº11;
- Fonseca, Jorge** (1998) - *Montemor-o-Novo no Século XV*, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo;
- Gomes, Rosa Varela** (2002) - *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*, Instituto Português de Arqueologia;
- Gonçalves, Ana** (1993) - "Novos dados sobre a vila antiga de Montemor-o-Novo - resultado dos trabalhos de 1992-1993", in *Almanson*, N.º 11;
- Khawli, Abdallah** (1992) - "Lote de cerâmica epigrafada em estampilhagem de Mértola", in *Arqueologia Medieval*, N.º 1;
- Khawli, Abdallah** (1993) - "Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola Islâmica", in *Arqueologia Medieval*, N.º 2;
- Macias, Santiago** (1996) - *Mértola Islâmica. Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)*, Campo Arqueológico de Mértola;

- Martínez Núñez, Maria Antonia (2002) - "Yeserías epigrafadas del Castillo de Santa Catalina (Jaén)", in *Arqueología y Territorio Medieval*, N.º 7;
- "Montemor-o-Novo. Testemunhos de um Percurso" (2003), Catálogo de Exposição, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo;
- Montes Machuca, Consuelo (1987-88) - "Algunas cerámicas estampilladas de Jerez de la Frontera (Cádiz)" in *Estudios de Historia y de Arqueología Medievales*, VII-VIII;
- "Palácio Almóada da Alcáçova de Silves" (2001), Catálogo de exposição, Lisboa;
- Pereira, Manuela (2003) - "Cerâmicas do século XVII do Convento de S. João de Deus em Montemor-o-Novo", in *Almanson*, 2.ª Série, N.º 2;
- Ramalho, Maria et al. (2001) - "Vestígios da Santarém Islâmica. Um silo no Convento de S. Francisco", in *Arqueologia Medieval*, N.º 7;
- Renfrew, Colin e Bahn, Paul (1991) - *Archaeology. Theories, Methods and Practice*, Thames and Hudson;
- Resende, Tatiana (1985) - "Escavações arqueológicas no Castelo de Montemor-o-Novo", in *Almanson*, n.º 3;
- Resende, Tatiana (1986) - "Cerâmica Comum tardia proveniente das Escavações da Zona do Castelo de Montemor-o-Novo", in *Almanson*, N.º 4;
- Sardinha, Olinda (1990/1992) - "Olarias Pedradas Portuguesas: contribuição para o seu estudo", in *O Arqueólogo Português*, série 4, vols. 8/10;
- Torres, Cláudio (1996) - "Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola Islâmica", in *Arqueologia Medieval*, N.º 4;
- "Um Objecto, uma História, Mês a Mês" (2003), Catálogo de Exposição, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo;
- Viegas, Catarina e Arruda, Ana Margarida (1999) - "Cerâmicas Islâmicas da Alcáçova de Santarém", in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.2, N.º 2;
- [www.alentejodigital.pt/arqueologiacv/homem\\_barbudo.html](http://www.alentejodigital.pt/arqueologiacv/homem_barbudo.html)